



Marcela Cantuária, *Salão de Mulheres da Ásia*, 2026

Foto: Jaime Acioli

BIENAL DE GWANGJU

terá pavilhão brasileiro pela primeira vez

Com curadoria de Aldones Nino e Bruna Levi, “Devorações do Amanhã – Brasil em rebento” reúne obras de 35 artistas brasileiros na 16ª edição do evento sul-coreano

Considerada uma das mais importantes bienais de arte contemporânea do mundo, a Bienal de Gwangju, na Coreia do Sul, terá pela primeira vez um Pavilhão Brasileiro em sua 16ª edição, que acontece de 5 de setembro a 15 de novembro de 2026. Instalado no *Gwangju History & Folk Museum*, o projeto tem curadoria de Aldones Nino e Bruna Levi – apresenta a exposição inédita “Devorações do Amanhã – Brasil em

rebento”, que reúne obras de 35 artistas brasileiros de diferentes gerações e regiões do país.

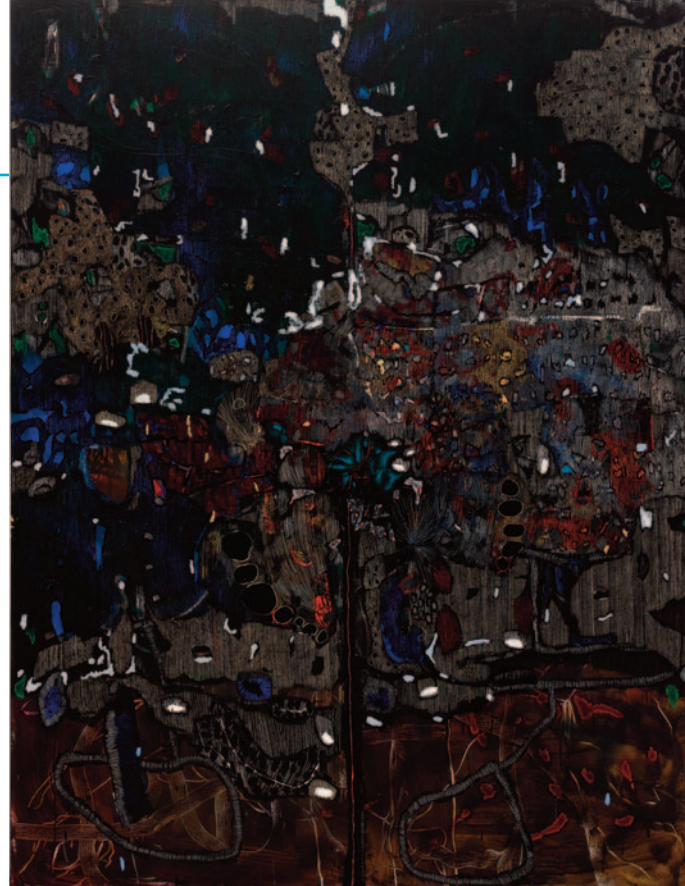
Participam da mostra Adriana Varejão, Alex Červený, Ayla Tavares, Cinthia Marcelle, Estevan Davi, Herbert De Paz, Heloisa Hariadne, Isabella Ogêda, Ivens Machado, Jonas Arrabal, Josi, Laís Amaral, Laís Myrrha, Lucas Lugarinho, Luiza Crosman, Manauara Clandes-

tina, Marcela Cantuária, Marcos Chaves, Maria Lira Marques, Mariana Rocha, Márcia Falcão, Maruan Sipert, Nathan Braga, Panmela Castro, Patrícia Abbott, Rayana Rayo, Sara Ramo, Ventura Profana, Vicente de Mello, Vinicius Gerheim, Vivian Caccuri, Shinji Nagabe, Walla Capelobo, Xadalu Tupã Jekupé e Yhuri Cruz.

“Devorações do Amanhã” parte do pensamento antropológico brasileiro para atualizar a ideia de devoração como uma operação crítica diante das crises contemporâneas. *“É um gesto de metabolização das crises contemporâneas”*, afirmam os curadores. A proposta estabelece um diálogo direto com o tema da 16ª Bienal de Gwangju, *“You Must Change Your Life”* (*“Você precisa mudar a sua vida”*), sob direção artística de Ho Tzu Nyen, que aborda a transformação como um imperativo ético e sensível diante das urgências do presente.

A exposição reúne pinturas, esculturas, vídeos, fotografias, instalações, performances – aborda temas como tecnologias ancestrais e emergentes, colapso ambiental, memória, questões historiográficas e a imaginação de futuros possíveis. Parte significativa das obras são inéditas, o que inclui trabalhos de Marcela Cantuária, Sara Ramo, Laís Amaral, Shinji Nagabe, Rayana Rayo, Márcia Falcão, Estevan Davi, Panmela Castro e Mariana Rocha.

O projeto também inclui obras desenvolvidas na própria Coreia do Sul por Heloisa Hariadne, Isabella Ogêda, Lucas Lugarinho, Manauara Clandestina, Marcos Chaves, Maruan Sipert, Patrícia Abbott e Vinicius Gerheim. Os artistas participaram de uma residência em Seul, realizada de 3 a 21 de agosto, sob direção de Vicente de Mello.



Obra de Laís Amaral

Foto: Divulgação



Obra de Rayana Rayo

Foto: Divulgação



Obra de Maria Lira Marques

Foto: Edouard Fraipont

A diversidade de materiais, técnicas e tecnologias é um dos eixos da mostra, que reúne desde trabalhos vinculados à matéria bruta e a saberes ancestrais até pesquisas que incorporam inteligência artificial, ferramentas digitais e novas formas de visualidade. Maria Lira Marques, por exemplo, utiliza pigmentos extraídos da terra sobre rochas, em um trabalho que recupera saberes do Vale do Jequitinhonha. Walla Capelobo, por sua vez, emprega o barro na construção de futurismos afro-diaspóricos, desenvolvidos durante sua residência de pesquisa na *Akademie der Künste*, em Berlim.

A tecnologia também ocupa lugar central em diferentes trabalhos. Lucas Lugarinho investiga linguagens técnicas e digitais, pesquisa que lhe rendeu o *Prêmio Digital Art Commissions*, do *Pérez Art Museum Miami*. Já Panmela Castro apresenta a série “*Relembração*”, na qual explora as relações entre afeto e tecnologia ao transformar em imagens os sonhos de seu namorado, interpretados por meio de inteligência artificial generativa.



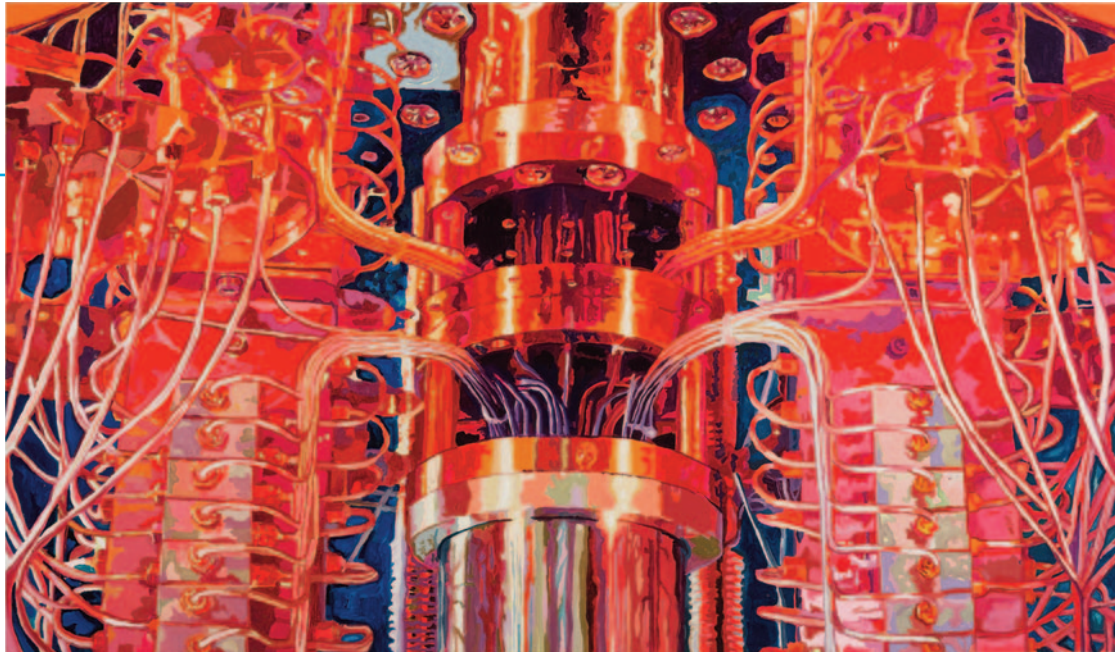
Panmela Castro, *I felt like all my worries just melted away in that moment*, série *Relembração*

Foto: Divulgação

“Há um desejo de que toda essa materialidade nos impulse para esse nascimento, algo que está arrebatando e que possibilita uma produção artística que bebe de suas fontes e de sua história, mas também busca referenciais tecnológicos”, afirma Aldones Nino. Para o curador, esse movimento contribui para uma reflexão sobre a própria formação e identidade do Brasil.

O Pavilhão Brasileiro foi concebido como uma plataforma de intercâmbio cultural que pretende ir além da representação nacional. A proposta busca aproximar diferentes realidades culturais e estimular novos diálogos sobre as transformações do mundo contemporâneo.

“Ao mobilizar a tradição antropofágica e a noção de ‘rebento’, entendida como emergência simultânea de ruptura e criação, o projeto tensiona a ideia de mudança não como resposta normativa, mas como processo instável, situado e continuamente negociado”, explicam os curadores.



Isabella Ogêda,
Qanta
Foto: Jaime Acioli

SOBRE A BIENAL DE GWANGJU

Reconhecida pela *Artnet* como uma das cinco principais bienais do mundo, a Bienal de Gwangju, criada em 1995, é uma importante plataforma para a arte contemporânea internacional. Ao longo de sua trajetória, apresentou artistas como Cindy Sherman, Roni Horn, Thomas Hirschhorn e Haegue Yang, além de impulsionar nomes emergentes. O Pavilhão Brasileiro conta com a parceria de 15 instituições e galerias; e tem produção de Rodrigo Andrade, da AREA27.

SERVIÇO

“Devorações do Amanhã – Brasil em rebento”

1º Pavilhão Brasileiro na Bienal de Gwangju

Abertura: 5 de setembro

Até 15 de novembro

Gwangju History & Folk Museum

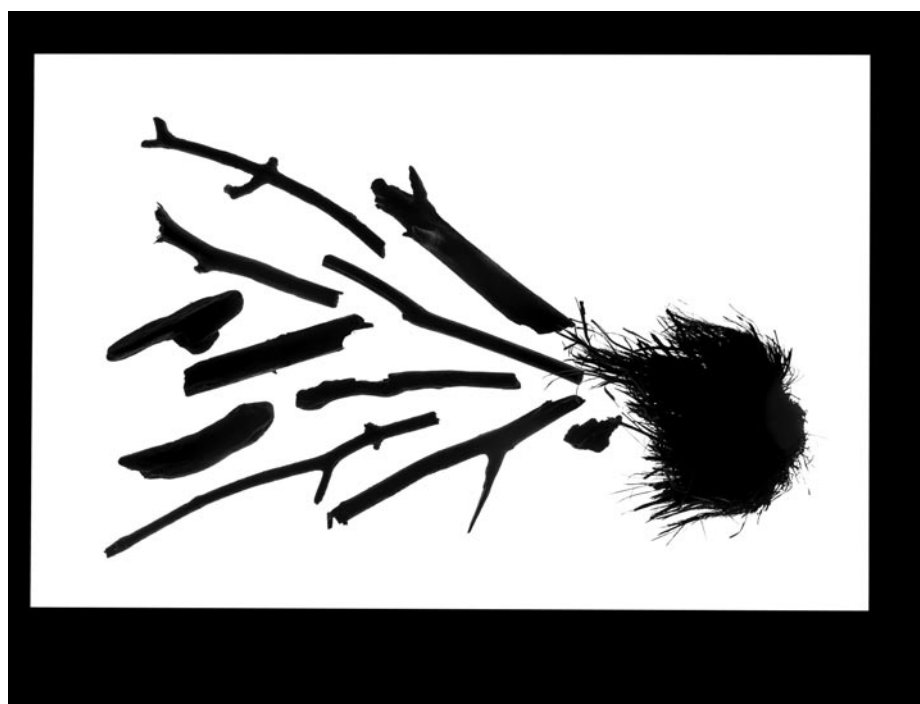
48-25 Seoha-ro, Buk-gu, Gwangju, Coreia do Sul

Dias/Horários: diariamente, das 9h às 18h (última entrada às 17:30); quartas, das 9h às 20h (última entrada às 19h30)

Tel.: +82-62-613-5378

Entrada gratuita

www.gwangjubienale.org



Vicente de Mello,
Bennu,
série *Limite Obliquo*